

MARQUESI, Sueli C.; ELIAS, Vanda M. da S.; CABRAL, Ana Lúcia T. (Org.).

*Interações virtuais*. Perspectivas para o ensino de Língua Portuguesa a distância. São Carlos, SP: Claraluz, 2008. 208 p.

---

Ana Elisa Ribeiro\*

Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais

Grande parte da produção acadêmica atual é publicada em obras que reúnem vários autores, em geral sob a coordenação de um deles, que se denomina, então, organizador. No caso de grupos de pesquisa cuja produção é resultado de projetos diversos ou de ângulos diferentes do mesmo problema de pesquisa, é pertinente que a publicação ofereça ao leitor esse panorama das condições e dos resultados da(s) pesquisa(s). *Interações virtuais* é um desses casos. A obra reúne doze capítulos, com compleição de artigo científico, organizados em três partes, distribuídos em pouco mais de duzentas páginas, cujo tema central é o ensino de língua portuguesa não-presencial (ou semipresencial). As organizadoras da obra são Sueli Cristina Marquesi, Vanda Maria da Silva Elias e Ana Lúcia Tinoco Cabral, que têm ligação com o grupo de pesquisa em “Ensino de Língua Portuguesa para fins específicos”, sediado no Programa de Estudos Pós-Graduados em Língua Portuguesa da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP).

A publicação da obra explicita não apenas a produção do grupo, em diversas vertentes, como também a articulação internacional dos pesquisadores com cientistas do Centro Nacional de Pesquisa Científica (CNRS), na França, autores de alguns capítulos do livro. Para dar coesão aos textos, que orbitam em torno de um mesmo tema, as organizadoras (e os editores) optaram por separar coleções de artigos em três partes, a saber: Ambientes virtuais para ensino e aprendizagem; Interação em ambientes virtuais para ensino e aprendizagem; e Escrita e leitura em ambientes virtuais para ensino e

---

\* [anadigital@gmail.com](mailto:anadigital@gmail.com)

aprendizagem. Na primeira, aborda-se o ensino virtual de português de maneira mais geral; na segunda parte, investe-se nas interações possíveis nesse ambiente; e na última parte, mostram-se e analisam-se experiências com ensino de leitura e escrita. Mesmo tendo capítulos escritos por cientistas franceses (em tese, não-professores de português), as pesquisas relatadas podem ser aplicadas ou comparadas ao ensino de língua materna no Brasil.

O paratexto de *Interações virtuais* dá o tom da proposta do livro. As organizadoras explicam, na Apresentação, as origens da obra, assim como apresentam os autores, com uma descrição panorâmica de seus respectivos trabalhos. O texto de “orelha” repete informações que se encontram na Apresentação, assim como a quarta capa. Para leitores acostumados com esse tipo de livro e curiosos em relação ao contexto das pesquisas, teria sido importante incluir minicurriculos dos autores e das organizadoras, algo que não foi feito. Além desse aspecto que torna a obra menos completa do que poderia ter sido, o projeto gráfico de linhas longas e apertadas deixa clara a intenção de economizar espaço e papel, sem poupar o fôlego do leitor.

Quando o projeto gráfico parece cansativo, o leitor precisa se fiar mais no conteúdo da obra. Nesse sentido, *Interações virtuais* vale a pena. Na primeira parte, optou-se por apresentar os textos menos semelhantes a relatos e mais parecidos com reflexões ou ensaios. Luiz Henrique Amaral e Carmem Lúcia Costa Amaral (ambos da Unicsul) despertam o leitor para aspectos das “Tecnologias de comunicação aplicadas à educação”, título do capítulo. Os autores começam seu trajeto pela história, partindo da Revolução Industrial, e passam por uma lista de recursos tecnológicos à disposição na atualidade. O correio eletrônico, os chats, as listas de discussão, os fóruns de discussão e os ambientes virtuais de aprendizagem são brevemente descritos. A lista não deixa faltarem também a *world wide web* e os *downloads*, o que causa certa confusão, para o leitor, entre ambientes, recursos e a própria WWW. O trabalho atravessa a história e chega à atualidade, considerando o estímulo que leitura e escrita receberam após a criação e a difusão dessas tecnologias.

Muito embora o discurso que perpassa o livro seja o das novas tecnologias da comunicação e da informação como boas oportunidades para a educação, não há, como em tantas outras obras, surtos de entusiasmo desmedido. Amaral e Amaral, neste primeiro capítulo, chegam a afirmar, com base em Oliveira e colaboradores (2007), que “a internet, utilizada por si só como núcleo de sustentação de um processo de ensino e aprendizagem, não garante sozinha qualquer transformação. Não existe na internet, nem em

qualquer outra mídia, um poder que consiga produzir, independentemente de uma prática pedagógica bem estruturada, bons resultados” (p. 19). Os autores também mencionam a importância de se considerar que a “aplicação e a utilização dos recursos tecnológicos não deve ser vista apenas como uma mera transposição de ambientes, recursos e metodologias educacionais utilizadas no modelo presencial” (p. 19), fazendo uma defesa (que perpassará todo o livro) de que é necessário aprender modos de interagir (tanto alunos quanto professores) específicos e ajustados ao novo meio.

O primeiro capítulo de *Interações virtuais* é uma ponderação e uma reflexão sobre os usos de novas TIC na educação, tomando-se como objeto, especialmente, o ensino não-presencial de língua materna. Tal é, também, o caso do segundo texto, de autoria de Carlos Fernando de Araújo Jr. (Unicsul), “Ambientes Virtuais de Aprendizagem: comunicação e colaboração na Web 2.0”. O autor começa conceituando a Web 2.0, tratando-a como o cenário de colaboração e de potencial mais forte de compartilhamento e produção de conteúdos pelo usuário. A seguir, Araújo Jr. parte para a descrição e a breve análise de alguns ambientes, como museus e AVAs para ensino de temas escolares, para então tratar da colaboração. Assumindo uma diferenciação entre cooperação e colaboração, o autor analisa certos AVAs, como o Teleduc, em relação a seu potencial de delegar funções ao usuário. O capítulo focaliza mais as práticas possíveis nesses novos ambientes, dando sugestões de atividades e indicando autores e trabalhos.

O terceiro artigo, “Objetos de aprendizagem para ensino de línguas: uma análise comparativa”, de Ismar Frango Silveira (Unicsul/Mackenzie), define objetos de aprendizagem (“quaisquer recursos digitais que possam ser usados, reutilizados ou referenciados para o suporte ao processo de ensino e aprendizagem”, p. 43) e passa, então, a fazer uma “análise dos repositórios brasileiros e de seus objetos de aprendizagem voltados à Língua Portuguesa, observando-os de maneira comparativa em relação a outras áreas e a seus congêneres em outras culturas” (p. 43). O texto apresenta uma lista de repositórios disponíveis ao professor em diversas línguas e conclui, para nosso pesar, que há pouquíssimo material para o ensino de português. A despeito disso, parece-nos que isso pode ser visto como uma oportunidade àqueles que se propuserem a produção de objetos de aprendizagem.

“O computador como suporte de aprendizagem colaborativa no espaço do debate”, de Michael Baker, Mathieu Guignard, Kristine Lund e Aranould Sejourne (sem indicação de instituição, mas certamente estrangeiros), trata do

desenvolvimento da capacidade de argumentação e relata pesquisas no ensino médio francês sobre o incremento dessa capacidade por meio de ambientes virtuais, no caso *chats* e *chats*-gráficos. Os resultados indicam que os *chats*-gráficos mostraram melhor desempenho dos participantes.

Abre-se, então, a parte 2 do livro com o texto “Prática docente virtual e polidez na interação”, de Kazue Saito Monteiro de Barros e Mercedes Fátima de Canha Crescitelli (respectivamente, UFPE e PUC-SP). Neste trabalho, mais uma vez, evidencia-se a consciência de que as tecnologias, por si sós, não resolvem os problemas da educação. Mais do que apenas saber “o que” fazer, é importante saber “como”, numa importante mistura (ainda experimental) de conhecimentos conceituais e procedimentais. Segundo os autores deste trabalho, “a EaD via computador, por si só, não é nem melhor nem pior do que o ensino presencial” (p. 73). De qualquer maneira, é preciso saber fazer e fazer bem-feito. Barros e Crescitelli consideram, neste texto, a importância de pensar a interação virtual como algo diferente da interação presencial, na medida em que esta tem sido considerada assimétrica. Os AVAs parecem favorecer relações mais simétricas, na medida em que é necessário que o professor não seja mais o foco das atenções, tornando-se mediador. As autoras abordam os desafios para o professor de cursos virtuais, destacando a necessidade de gerenciar interações múltiplas, por meio de gêneros textuais diversos, garantindo relações cordiais, que procuram fazer o “aluno se sentir mais à vontade num ambiente virtual que ele de modo geral desconhece”, além de “fazê-lo se apropriar de gêneros textuais com os quais não está acostumado a lidar” (p. 77). A atenção maior a esses aspectos é justificada em razão de a interação mediada pela escrita dispor de menos pistas extratextuais que balizam a comunicação adequada. Barros e Crescitelli, então, passam a conceituar polidez, com base em teorias de Brown e Levinson (1987) e na teoria de faces de Goffman (1967), e oferecem exemplos e análises de interações retiradas de ambientes de aprendizagem virtuais. Trata-se, talvez, do capítulo mais denso e mais fortemente sustentado em teorias de *Interações virtuais*.

Karlene da Rocha Campos (PUC-SP) trata, no capítulo seguinte, de “Estratégias de interação em ambiente virtual de aprendizagem: o fórum educacional”. No trabalho, a autora parte da premissa segundo a qual não basta cuidar de aspectos técnicos da formação docente. É necessário que o professor utilize a linguagem de maneira estratégica, ampliando a eficácia da comunicação e da interação com os alunos. Esta autora também oferece exemplos retirados de um curso real, oferecido a distância pela PUC-SP, e conclui pela

importância de cuidar da interação em cursos não-presenciais. Assim como os demais capítulos, este também é dirigido à formação de professores, mas talvez tenha posto nesse foco um pouco mais de ênfase do que os demais.

Também na linha de considerar a escrita uma mediação específica e que demanda atenção maior aos aspectos interacionais, Sílvia Augusta de Barros Albert e Cátia Rodrigues Migliorança são autoras do capítulo “Um diálogo por escrito: a interação pela linguagem na mediação em educação a distância”. As autoras remetem o leitor à história dos meios de aprendizagem a distância, desmistificando as novas tecnologias como ambientes supostamente inéditos de aprendizagem não-presencial. Neste caso, Albert e Migliorança assumem uma concepção de mediação textual considerada a “fala por escrito”, concepção controversa para outros autores. Após um sobrevoo por Bakhtin e outros autores, inclusive passando pela teoria dos atos de fala, de Searle, relata-se resultado de análises de interações virtuais, com foco na função das perguntas na interação.

No capítulo seguinte, Carlos Augusto Baptista de Andrade (Unic Sul) discute a “Produção de conteúdo para ambientes virtuais de aprendizagem: os espaços do texto e de uma nova paralinguagem”. Neste caso, linguagem verbal e não-verbal são foco de atenção, além da diferenciação entre interação e interatividade. Trata-se de um dos artigos mais básicos do livro, inclusive com a oferta de exemplos e a sugestão de exercícios que utilizam diversos *softwares*. O autor trata ainda da importância da paralinguagem (ou seja, de linguagens não-verbais) na interação virtual, assim como da produção colaborativa ensinada por ambientes virtuais de aprendizagem bem-gerenciados.

Enfim, sem muito esforço, chegamos à terceira parte, onde se encontram relatos voltados para o ensino de leitura e escrita. O capítulo de Sylvie Plane (IUFM, de Paris), intitulado “Reflexões sobre o uso do computador para o ensino e aprendizagem da escrita”, é um dos mais interessantes do livro, não apenas porque trata de assunto que nos interessa a todos que lidam com aulas de redação (mesmo no ensino presencial), mas porque o assunto é absolutamente incomum, assim como o método de pesquisa apresentado.

Plane passa pela história recente das expectativas em torno do uso de editores de texto eletrônicos (tipo *Word*), que, em tese, trariam para os processos de produção o ponto central do ensino de escrita. Ao lado dessa mudança de foco estaria a consideração de que a edição e a revisão do texto alterariam para melhor o ensino/aprendizagem da redação. A autora relata

aspectos da adesão das escolas ao tratamento de textos em computador e chega ao momento em que, para decepção dos pesquisadores que acreditavam numa melhora evidente da produção textual, constata-se que isso não ocorreu. A confiança nas novas ferramentas não correspondeu ao que elas de fato poderiam trazer como contribuição, a despeito de ser verdade que diversas operações ficam mais fáceis e mais visíveis quando processadas em programas de computador. As questões de autor e autoria continuam, ao que parece, dignas de muita pesquisa.

Ana Lúcia Tinoco Cabral, uma das organizadoras da obra, apresenta “Produção de material para cursos a distância: coesão e coerência”, em que trata da elaboração de conteúdos em AVA, especificamente para o ensino de línguas. Mais uma vez, a mediação pela escrita aparece como ponto central, inclusive para uma nova medida do que seja “aula”, não mais um lapso medido pelos tempos, mas pelo texto e pela capacidade de produção. Cabral mostra elementos de um curso de redação ministrado virtualmente, de onde retira exemplos. Tomando de empréstimo conceitos de Marcuschi e Charolles e cosendo-os a parâmetros de usabilidade dados por Jakob Nielsen, a autora passa a tratar da importância dos *links* para a coesão e a coerência de propostas não-presenciais de ensino.

O capítulo seguinte trata do “Ensino de leitura em ambiente virtual: modelos cognitivos e produção de sentido”. As autoras são Sueli Cristina Marquesi e Vanda Maria da Silva Elias (da PUC-SP), que trazem à tona modelos de leitura e seu ensino. O *corpus* analisado faz parte de um curso a distância oferecido na PUC-SP e as autoras mostram como o incremento das habilidades de leitura pode ser levado a efeito em AVAs.

Encerrando *Interações virtuais*, Nílvia Pantaleoni (PUC-SP) é autora do texto “Seednet na educação a distância: leitura de artigos da revista eletrônica do MEC”, em que trata do conceito de *lautor*, tomado a Bellei, e descreve, bastante pormenorizadamente, a navegação e a leitura propostas pela interface da revista Seednet, do Ministério da Educação brasileiro. Uma análise dos textos lá publicados é feita, gerando uma série de categorias e assuntos abordados pela revista.

*Interações virtuais* propõe um passeio pelas diversas facetas do ensino de língua portuguesa a distância, tratando da leitura, da escrita e das interações, de maneira geral, sem perder de vista cursos reais e exemplos retirados de situações ocorridas em cursos oferecidos por instituições brasileiras. É de suma importância planejar e projetar cursos, com atenção especial a aspectos

específicos dos ambientes e das tecnologias a serem utilizados. Sem o deslumbramento pernicioso e ingênuo comum a muitas obras sobre este tema, *Interações virtuais. Perspectivas para o ensino de Língua Portuguesa a distância* é um bom motivo para a reflexão sobre ensino, aprendizagem e formação de professores na atualidade.

Recebido em dezembro de 2009. Aprovado em fevereiro de 2010.